

O Encanto dos Recreios sem Ecrãs – Por José Paulo Santos

written by José Paulo Santos | 14 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Foto de JOSÉ PAULO SANTOS

Há uma beleza singela, quase poética, nos recreios escolares em que os telemóveis permanecem guardados – ou, melhor ainda, ausentes. É nesses momentos que o pátio se transforma num verdadeiro teatro da infância e da juventude, onde as vozes substituem os toques, os risos abafam as notificações e os olhos brilham com a luz do encontro, não com o reflexo de um ecrã.

Observar os alunos a correrem em direção ao campo, a dividirem um lanche com generosidade, a inventarem jogos com regras próprias ou a simplesmente conversarem, sentados nos degraus, é testemunhar a essência do convívio humano. Hoje, sob a sombra generosa das árvores do pátio, vi duas meninas imersas num livro, os olhos a viajarem por mundos que só o papel e a imaginação sabem oferecer. Mais adiante, um grupo de rapazes e raparigas de diferentes nacionalidades – paquistaneses, ucranianos, portugueses – conversava animadamente em português, rindo das mesmas piadas, partilhando histórias como se a língua fosse a ponte natural que os unia. Era o português não como imposição, mas como encontro.

Nestes recreios livres de telemóveis, redescobre-se o valor do tempo presente. As crianças e jovens aprendem, sem se aperceberem, a ler expressões faciais, a negociar conflitos com palavras, a esperar pela sua vez, a incluir quem está só. São lições de vida que não cabem em nenhuma aplicação, mas que se gravam na memória com a força das experiências vividas de verdade.

Que felicidade é esta, tão simples e tão rara nos tempos que correm? A felicidade de ver os alunos serem apenas isso – alunos, amigos, jogadores, sonhadores, leitores – sem a intromissão de um ecrã. Num mundo cada vez mais conectado, talvez seja nestes pequenos intervalos de desconexão que se encontre o segredo para uma geração mais humana, mais atenta, mais viva.

E assim, entre mordidas de sandes, corridas desenfreadas,

leituras sob as árvores e diálogos multiculturais em português, o recreio revela-se não como um simples intervalo entre aulas, mas como um espaço sagrado de liberdade, criatividade e amizade genuína. Onde o único “like” que importa é aquele que se dá com um abraço, um convite para jogar ou um *“anda cá, senta-te comigo”*.

Como escreveu o grande escritor português Miguel Torga, no seu Diário XIV: *“A alegria é a prova dos nove da verdade.”*

E nesta alegria simples – feita de conversas, jogos, leituras e encontros – reside uma verdade profunda: a de que, quando nos permitimos estar verdadeiramente presentes uns com os outros, o mundo torna-se mais leve, mais justo e mais belo.